

FAÇA O QUE EU DIGO, NÃO O QUE FAÇO: UMA ANÁLISE DO QUADRINHO INIMIGOS SUPERIORES DO HOMEM-ARANHA

Gabriel de Oliveira Monte

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o quadrinho *Inimigos Superiores do Homem-Aranha*, de Nick Spencer e Steve Lieber. Para esta análise, escolhemos trabalhar com as categorizações propostas por Thierry Groensteen (2013). Essa escolha foi feita por abranger de melhor forma a complexidade que o narrador dessa história possui. Ao curso dos anos, o papel do narrador foi mudando junto com a linguagem quadrinística. Eles passam de uma instância que contextualizava o leitor na obra, para uma instância com personalidade, que se envolve com as personagens. Hoje é comum que os narradores sejam também os protagonistas das histórias. Em algum nível, podemos dizer que seria um tipo de biografia ficcional. Desse modo, o papel do narrador fica mais complexo, necessitando de uma análise que deve ser feita a partir do entendimento do tipo de narrador da linguagem dos quadrinhos e não de outras, como a literatura e o cinema, mesmo que, como propõe Barbieri (2017), essas linguagens possuam influência na linguagem dos quadrinhos. Como considerações finais, podemos entender que o personagem Bumerangue é o responsável pelos três níveis de instâncias narrativas propostas por Groensteen (2013): recitador, mostrador e narrador. A partir disso, podemos pensar também na relação que existe entre texto verbal e texto imagético na linguagem dos quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: narrador; recitador; mostrador.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the comic book *Superior Foes of Spider-Man*, by Nick Spencer and Steve Lieber. For this analysis, we chose to work with the categorizations proposed by Thierry Groensteen (2013). This choice was made by better encompassing the complexity that the narrator of this story possesses. Over the years, the role of the narrator has been changing along with the language of comics. They move from an instance that contextualized the reader in the comic, to an instance with personality, that gets involved with the characters. Today, it is common for narrators to be the protagonists of stories as well. At some level, we could say that it would be a kind of fictional biography. Thus, the role of the narrator becomes more complex, requiring an analysis that must be made from the understanding of the type of narrator of the language of comics and not others, such as literature and cinema, even if, as Barbieri (2017), these languages have an influence on the language of comics. As final considerations, we can understand that the Boomerang character is responsible for the three levels of narrative instances proposed by Groensteen (2013): reciter, display and narrator. We can also think of the relationship between verbal text and imagery text in the language of comics.

KEYWORDS: narrator; reciter; monstrator.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o quadrinho *Inimigos Superiores do Homem-Aranha*, de Nick Spencer e Steve Lieber, publicado pela editora Marvel entre julho de 2013 a novembro de 2014 nos Estados Unidos em revista própria. No Brasil, a revista foi publicada dentro da revista *A Teia do Homem-Aranha Superior*, entre outubro de 2014 a junho de 2015. Na história, Bumerangue, Shocker, Turbo, Corisco e Besouro se juntam para formar o Sexteto Sinistro.

Iremos analisar a questão do narrador nesse quadrinho. O narrador é também o protagonista da história, o vilão Bumerangue. Apesar de ser um título que pareça simples, por se tratar de uma revista dedicada a um grupo de vilões menores, existe uma complexidade quanto a forma que o narrador se apresenta. Através desse quadrinho, iremos discutir as proposições que o pesquisador francês Thierry Groensteen (2013) faz acerca da questão do narrador.

É importante ressaltar que, diferente de antes, o narrador não só é mais uma instância que contextualiza o leitor na história, mas também é um dos personagens. Nas editoras estadunidenses de grande porte, como Marvel e DC, o personagem principal da revista também é o narrador. Se seguirmos a classificação de Yves Reuter (2014), poderíamos classificar o narrador deste quadrinho como sendo do tipo homodiegético, com a perspectiva passando pelo narrador. Isso significa que o narrador conta sua própria vida retrospectivamente. Porém, essa definição não abarca toda a complexidade do narrador presente em *Inimigos Superiores do Homem-Aranha*.

O NARRADOR DOS QUADRINHOS AO LONGO DA HISTÓRIA

Os quadrinhos estão sempre em constante evolução. As mudanças e possibilidades em sua linguagem são algumas das razões, inclusive, para que seja difícil encontrar uma definição

universal para os quadrinhos e, também, cravar qual foi o primeiro quadrinho da história. Rogério de Campos (2015) fala que a presença de um marco tecnológico facilitou para a Fotografia e o Cinema chegarem a essa conclusão (ainda que no Cinema exista uma grande discussão sobre sua origem).

A definição do que é uma HQ tem mudado à medida que ela evolui. E junto vai mudando a visão que temos da história em quadrinhos. É significativo que Töpffer só tenha sido reconhecido na segunda metade do século XX, à medida que o formato álbum - ou *graphic novel* - se consolidava. Para quem entendia quadrinhos como tiras infanto-juvenis, os livros de Töpfer eram algo invisível como HQ. Do mesmo modo, fãs de super-heróis ou quadrinhos infantis podem hoje ter dificuldade em considerar o trabalho de Richard McGuire (*Here*) ou de Woodrow Phoenix (*Autocracia*) como quadrinhos: como pode ser HQ se não tem personagens? (CAMPOS, 2015, p.17)

Danieli Barbieri (2017) pondera que uma linguagem pode ser modificada, mas a mudança não depende apenas de quem pretende alterá-la. Como é um instrumento de comunicação, existe a possibilidade de não existir um entendimento de que outros não entendam. Por essa razão, Barbieri (2017) fala que uma linguagem, e seus processos de modificação, são coletivos e que também dependem das características próprias da linguagem. Assim, elas se modificam lentamente ao longo dos anos.

Fazendo uma metáfora com o conceito de ecossistemas, Barbieri (2017) diz que cada linguagem possui características próprias, mas que existem zonas de fronteiras e zonas intermediárias entre si. O que ele propõe com isso é que as linguagens têm relações umas sobre as outras:

certas linguagens são partes de outras, zonas específicas de linguagem mais genéricas; outras linguagens são o resultado de um nascimento, do processo de separação de uma linguagem que já existia antes, e assim se parecem muito com sua progenitora, ainda que se diferenciem em alguns aspectos. Há outras que têm características; descendem talvez da mesma linguagem ancestral e continuam mantendo algumas de suas semelhanças. E há linguagens, enfim, que trataram de adaptar a seu sentir imagens de outras linguagens, de forma que pudessem valer-se de características que haviam sido coletivamente construídas em outras, mas não em si mesmas. (BARBIERI, 2017, p. 19)

Essas considerações são pertinentes aos quadrinhos pois, de certa forma, explica-se as diferentes formas que os quadrinhos podem se apresentar. No livro *Eisner/Miller* (2014),

mais precisamente no capítulo 9, Will Eisner e Frank Miller dialogam sobre as influências do Teatro e do Cinema em suas obras. “MILLER: Gosto dessa ideia de que seu trabalho é mais teatro e o meu mais cinema. Acho que concordo com a substância disso, embora eu continue pensando que as formas são muito diferentes.” (EISNER, 2014, p. 93). As composições usadas por Eisner tem mais influência do Teatro pois, segundo o próprio, ele busca uma conexão real com o leitor, e o único entretenimento que consegue fazer isso é o teatro. O cinema, para Eisner, é só uma câmera.

Podemos entender por isso, que a depender do autor, a linguagem dos quadrinhos é flexível para permitir elementos de outras áreas e ainda assim manter sua essência enquanto quadrinho. Essa flexibilidade pode ser percebida ao longo do tempo pelas próprias mudanças nos elementos dos quadrinhos. Uma dessas mudanças é a do texto verbal, que também culmina numa mudança do papel do narrador.

Considerado um dos primeiros autores de quadrinhos, Rodolphe Töpffer publica em 1833 *A História do Senhor Jabot*. Como um “jarro de Pandora” (CAMPOS, 2015, p.91), os quadrinhos de Töpffer tem um impacto na Europa, chegando até ser pirateado. O que pretendemos aqui é mostrar a composição dos quadros.

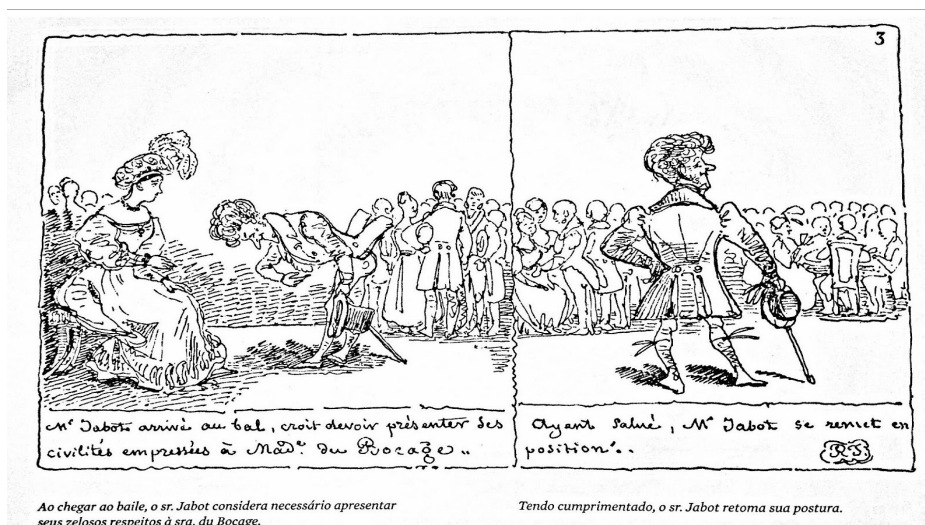


Figura 1 - História do Senhor Jabot, de Rudolphe Töpffer (1883).

Fonte: CAMPOS, Rogério de. Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos. São Paulo: Veneta: 2015.

O padrão para a composição de quadro era a do texto sempre na parte inferior, fora do requadro da imagem, dentro de um outro requadro. Os textos tinham a função de legenda para as imagens, explicando para o leitor aquilo que estava acontecendo nos quadros. Sobre essa sua publicação, Töpffer diz o seguinte:

Este pequeno livro, *Histoire de M. Jabot*, é de natureza mista. Compõe-se de uma série de desenhos impressos manualmente por autografia. Cada um desses desenhos é acompanhando de uma ou duas linhas de texto. Os desenhos, sem esse texto, não teriam mais que um significado obscuro. O texto, sem os desenhos, não significaria nada. O conjunto forma uma espécie de novela, tão original que não se parece uma novela. (CAMPOS, 2015, p.90)

O texto dos quadros diz: “Ao chegar ao baile, o Sr. Jabot considera necessário apresentar seus zelosos respeitos à sra. du Bocage./ Tendo cumprimentado, o Sr. Jabot retoma sua palavra.” O narrador desse quadrinho tem uma forte proximidade com o narrador da literatura, que descreve as ações, sentimentos e pensamentos das personagens e os cenários.

Esse padrão é seguido até o começo do século XX. Ele começa a mudar quando, um pouco antes, em 1896, Outcault transforma o texto das roupas do *Menino Amarelo* (o texto nessa obra já havia deixado o espaço inferior da imagem e estava na própria imagem) em balões de fala. O uso dos balões é seguido por outros quadrinistas como Thomas Theodor Heine,

Clare Briggs e Winsor McCay (CAMPOS, 2015). É importante lembrar que a linguagem, como pondera Barbieri (2017), muda lentamente ao curso dos anos. Essas composições que seguem Töpffer e as que seguem Outcault continuam a existir simultaneamente.

Nicolau (2008) chama de livro quadrinizado o quadrinho *Tarzan of the apes* (1929), de Hal Foster. A composição do quadro é semelhante aquela feita por Töpffer, com texto abaixo da imagem, servindo de legenda para a ação. Aqui, o texto conduzia a narrativa, descrevendo o que estava nas imagens e acrescentando fatos que não eram mostrados ao leitor. Mesmo já com a existência dos balões de fala, os diálogos eram mostrados nesse texto literário.

Mesmo depois que o balão passou a ser utilizado, o desenhista Hal Foster se recusou a usá-los porque não queria que suas ilustrações ficassem submetidas à área negativa deixada por este recurso, preferindo, apenas, inserir o texto dentro dos quadrinhos, o que tornou a narrativa mais sintética e mais objetiva. Para se ter uma ideia da sua reticência, mesmo depois que deixou de desenhar Tarzan e passou a ter seu próprio personagem, Príncipe Valente, em 1937, Hal Foster ainda usava o texto solto, incluído dentro do quadrinho, apesar de praticamente todos os outros personagens da época já se utilizarem, em suas histórias, do balão de texto como uma característica fundamental. (NICOLAU, 2008, p.20)

O quadrinista Alex Raymond, criador de *Flash Gordon* (1934), afirma Nicolau (2008), usava um texto literário assim como Hal Foster. Porém, percebeu que utilizar balões de fala traria mais dinamicidade para seus quadrinhos. A presença de um narrador era necessária apenas quando os diálogos das personagens não conseguia conduzir totalmente a história. Os quadrinhos, nesse período, começam a se afastar mais da Literatura. “Os desenhos foram sendo cada vez mais fragmentados, aumentando de número à medida que o texto reduzia-se, o que deu ao gênero [quadrinho de aventura] uma característica peculiar.” (NICOLAU, 2008, p. 22)

Nas décadas de 1960 e 1970 a forma como o narrador é apresentado muda novamente. Se na década de 1930 ele era um recurso narrativo usado para localizar o leitor na história, marcando passagens de tempo, espaço e recordando as histórias anteriores, nessas duas décadas ele ganha mais personalidade.

Na Marvel Comics, Nicolau (2008) credits a Stan Lee o uso dos balões de pensamento em larga escala. A intenção desse uso era a de dar mais profundidade às personagens. Não só os personagens ganharam mais profundidade, mas os narradores também. Em quadrinhos como *O Espantoso Homem-Aranha*, o narrador ganhou mais personalidade, chegando a demonstrar sentimentos. Notamos isso com o uso da exclamação ao fim da frase e o formato do recordatório.

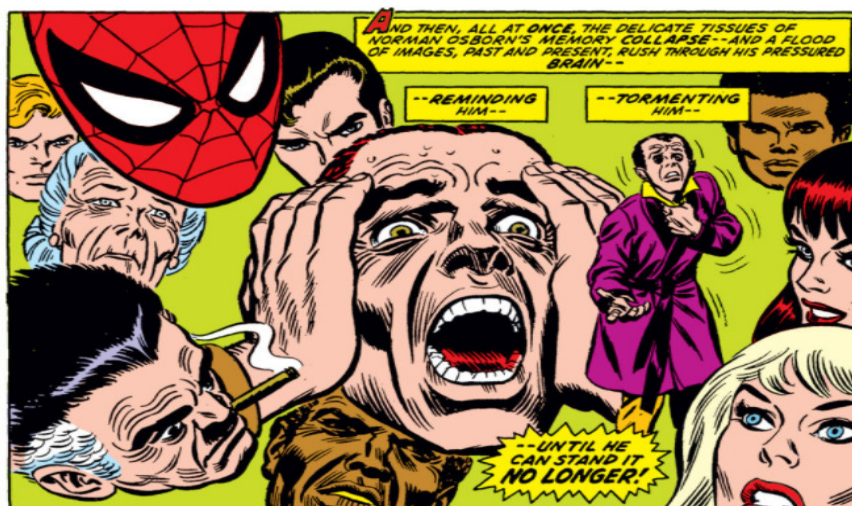


Figura 2 - Exemplo de narrador demonstrando emoções em *Amazing Spiderman*

Fonte: Site Read Comic Online¹

Os narradores com personalidade não eram uma exclusividade da Marvel Comics, em outras editoras e em outros gêneros de quadrinhos, essa presença também era comum. É também nessa época que ocorre um aumento na produção dos quadrinhos autobiográficos. Sendo agora os narradores das histórias também os personagens principais delas. (GARCIA, 2010).

¹ Disponível em: <<http://readcomiconline.to/Comic/The-Amazing-Spider-Man-1963/Issue-121?id=4352>> Acesso em: set./2017

Na década seguinte, Nicolau (2008) diz que é onde o pensamento instaura-se. Nos recordatórios de algumas histórias, como *Eu, Wolverine* (Chris Claremont e Frank Miller, 1982), *Watchmen* (Alan Moore e Dave Gibbons, 1986) e *Cavaleiro das Trevas* (Frank Miller, 1987), nós temos os próprios personagens narrando a história. Não era uma novidade que o personagem fosse o próprio narrador, mas agora não se tratavam mais de quadrinhos autobiográficos. No quadrinho objeto de análise deste artigo, é o protagonista da história, o vilão conhecido como Bumerangue, que cumpre essa função de narrador.

NARRADOR OU MOSTRADOR?

Até o momento, estamos considerando o termo narrador apenas para o que diz respeito ao verbal. Alguns quadrinhos não tem esse narrador verbal. Esses quadrinhos, então, não possuem a presença de um narrador? Isso depende de que tipo de narrador estamos falando. Considerando apenas o narrador literário, a resposta seria não. Mas aqui estamos discutindo não sobre Literatura, mas sobre Quadrinhos. Yves Reuter (2014) propõe que o narrador é: “aquele que, no texto, conta a história. O narrador é fundamentalmente constituído pelo conjunto de signos linguísticos que dão uma forma mais ou menos aparente àquele que narra a história.” (REUTER, 2014, p.19). A partir deste ponto, devemos pensar que os quadrinhos possuem um tipo próprio de narrador, assim como toda linguagem narrativa possui seu tipo específico de narrador.

Não acredito na possibilidade de estabelecer uma ciência geral da narratologia que seja válida em todos os tipos de narrativas em qualquer meio. Eu acredito que a questão do narrador pode legitimamente ser levantada em relação a qualquer tipo de história, mas que a questão deve ser colocada de novo para cada meio, porque cada um tem seu próprio mecanismo enunciativo e, consequentemente, uma configuração narratológica distinta. (GROENSTEEN, 2013, pp. 80-81, tradução nossa).

Groensteen (2013) pondera que, assim como o cinema e o teatro, os quadrinhos podem ser classificados como uma arte de mimese. No cinema, o termo *mostração*, proposto por

Gaudreault, tem ampla aceitação. É um modo de comunicação que “consiste em mostrar personagens que atuam em vez de relatar os eventos que eles sofrem” (GROENSTEEN, 2013, p.84, tradução nossa). Pensando nessa instância enunciativa, para o cinema não temos apenas um narrador, mas também um mostrador.

em termos lógicos, nem todo filme é narrativo (pensemos em alguns vídeos experimentais de Peter Kubelka e Man Ray), nem todo filme apresenta narrador (seja em voz over ou voz off). Por outro lado, todo filme (narrativo ou não) precisa mostrar algo. Ora, o mesmo ocorre nos quadrinhos: há um número bastante razoável de quadrinhos sem narrador (como os quadrinhos “mudos” da série “Nuff Said”, da Marvel, publicados em 2002, sem recordatórios, balões de diálogo e de pensamento). Em suma: para nós, nos quadrinhos, “narrador” se refere apenas a uma personagem diegética que simula atos de linguagem verbal (narrar, descrever, denominar) na narrativa quadrinística. (LUCAS e CELESTINO, 2014, p. 320)

Para entender essa questão do narrador nos quadrinhos, Groensteen (2013) o separa em duas instâncias: o recitador² e o mostrador. O primeiro diz respeito ao texto verbal, o segundo diz respeito ao texto imagético. Aquilo que no tópico anterior convencionamos chamar de narrador, é definido por Groensteen (2013) como recitador. O narrador vai ser a instância responsável por unir os dois textos. Anteriormente no livro *O Sistema dos Quadrinhos* (2015) Groensteen pondera que essa instância do narrador possa ser chamada de artrólogo. Em seu livro seguinte, *Comics and Narration* (2013), ele diz que isso é pedante. Para fins de análise do objeto, trataremos essa instância que faz a ligação entre textos por narrador.

O NARRADOR EM INIMIGOS DO HOMEM-ARANHA SUPERIOR

Groensteen (2013) trabalha ideia de que o recitador e o mostrador apresentam posturas. Para o recitador, as posturas podem várias de três modos:

² Em francês, o termo proposto por Groensteen é *récitant*, que diz respeito ao *récitatif*. Na tradução para a língua inglesa, a tradutora Ann Miller usa o termo *reciter*. Optamos traduzir o termo para recitador pois *récitatif* diz respeito ao elemento que, no Brasil, é conhecido como recordatório.

1. retraído x intervencionista: ele é considerado retraído quando deixa a sequência de imagens falar por si só, contendo diálogos ou não. Ele é intervencionista quando se sobrepõe como principal narrador, fazendo com que as imagens não sejam necessárias para se entender a ação. Olhando para trás, nos quadrinhos feitos por Hal Foster no início do século XX, o recitador possuía uma forte força de intervenção, as imagens serviam apenas para uma contextualização.

Em *Inimigos Superiores do Homem-Aranha*, é difícil definir essa postura. Em algumas edições existem longos textos contextualizando o leitor. Em outras, o texto é pequeno e faz apenas algumas observações e ponderações. Na última página da última edição, é revelado que o texto do recitador faz parte do diálogo do Bumerangue com outra personagem. Desse modo, consideraremos que ele tende mais ao intervencionista do que ao retraído.

2. Neutro x envolvido: o recitador será do tipo neutro quando ele não se envolve emocionalmente com as personagens. Ele é envolvido quando ele é solidário aos personagens, algo que deveria ser uma postura do leitor, como comenta Groensteen (2013).

Em *Inimigos Superiores do Homem-Aranha*, o recitador é do segundo tipo. Como trata-se do próprio personagem principal, é coerente que o mesmo se envolva emocionalmente com ela. Isso fica bem claro quando uma outra personagem da qual ele não gosta está em



destaque e o texto que vemos é cheio de caracteres que simbolizam palavras censurados.

Figura 3 - Texto censurado mostrando que o recitador é do tipo envolvido.

Fonte: Read Comic Online.³

3. confiável x não-confiável: Groensteen (2013) pondera que o leitor presume que o recitador seja confiável. Ele não imagina que o recitador não vá falar de algo que não tenha certeza. O recitador não é confiável quando, em alguns momentos ele se mostra surpreso com algo. “Por definição, o recitador não pode ser surpreendido porque ele é a instância que possui e transmite informações” (GROENSTEEN, 2013, p.92, tradução nossa). Como ele tem esse controle, mostrar algo diferente daquilo que acontece é sinal de que ele não é confiável.

Em *Inimigos Superiores do Homem-Aranha* essa questão se mostra um pouco mais complexa. Na quarta edição, Bumerangue, enquanto recitador fala sobre o valor da lealdade, o trabalho em equipe. Enquanto isso, nos é mostrado que o mesmo Bumerangue tenta matar um companheiro seu atirando-o de cima de uma ponte. Nas edições seguintes, nos é mostrado que ele realmente tentou matar seu companheiro de equipe, indo totalmente ao contrário daquilo que ele estava falando. Assim, podemos dizer que ele é, de cara, um recitador não-confiável.

³ Disponível em: <<http://readcomiconline.to/Comic/The-Superior-Foes-of-Spider-Man/Issue-3?id=2093>> acesso em set.2017



Imagem 04: O momento de contradição entre os textos.

Fonte: Read Comic Online.⁴

Porém, devemos lembrar que existe uma instância responsável por juntar o texto verbal com o texto imagético, o narrador. Poderíamos ponderar que esse narrador coloca o personagem em contradição, utilizando algum discurso seu para aquela personagem à qual ele conta sua história junto de uma imagem onde ele faz algo contrário. Desse modo, o que nos garante que esse texto é sincero e pertence a algum outro momento? Esse é o único ponto do quadrinho onde a confiança do recitador é posta em cheque. Talvez fosse mais adequado falar que o narrador nos mostra (e relembra) que Bumerangue é um vilão e que, em alguns momentos, possui desvios de caráter, traindo os companheiros. Para o mostrador, Groensteen propõe dois tipos de postura:

1. Neutro x envolvido: Quando existe uma consistência de estilo na história, o mostrador é considerado neutro. Quando existem variações conforme a história muda, ele é do tipo envolvido.

⁴

Disponível em: <<http://readcomiconline.to/Comic/The-Superior-Foes-of-Spider-Man/Issue-4?id=2094>> acesso em set.2017

Em *Inimigos Superiores do Homem-Aranha*, percebemos que o mostrador é do tipo envolvido. Em alguns momentos, os personagens são representados de acordo com o discurso de algum personagem, virando algo próxima de uma infografia. Em um ponto específico, o mostrador transforma os desejos do Bumerangue em imagem.



Figura 5: Pensamentos do personagem se tornam quadros.

Fonte: Read Comic Online.⁵

2. Confiável x não-confiável: ele é do tipo confiável quando sempre nos mostra aquilo que é considerada a verdade na história. Ele é não-confiável quando nos mostra algo dando a entender que se trata da realidade, porém é revelado que não é. Groensteen (2013) dá o exemplo dessa segunda postura quando o mostrador mostra as imagens de um sonho como se fossem a realidade.

Em *Inimigos Superiores do Homem-Aranha*, existe um momento da história que o mostrador nos engana duplamente. Um dos *plots* dessa revista é que o Sexteto Sinistro deve sequestrar a cabeça do Cabeleira de Prata para o Camaleão. Bumerangue, na instância de recitador, conta que a cabeça do Cabeleira de Prata estava havia sido perdida em uma briga entre gangues, achada por um garoto e posta por ele num carrinho de controle remoto. Isso nos é contado através de 4 páginas. O mostrador nos fornece imagem de tudo isso que aconteceu. Na página seguinte, o recitador diz que isso é só uma lenda, o que realmente

⁵

Disponível em: <<http://readcomiconline.to/Comic/The-Superior-Foes-of-Spider-Man/Issue-2?id=2092>> acesso em set.2017.

aconteceu é que o Coruja está de posse dela realmente. Para isso, o mostrador usa uma única página.

A princípio, somos enganados pois quatro páginas nos mostram algo que não é verdade. Todavia, em um momento posterior da revista, nos é revelado que a primeira história é verdadeira. E aí somos enganados novamente. Nesses momentos, o mostrador assume a postura de não-confiável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos pensar que Bumerangue é o recitador e também é o mostrador desta história. Mas podemos pensar que ele também é o responsável pela instância de narrador? Seria possível, como explanado no tópico do recitador não-confiável, que ele próprio se colocaria em contradição? Se ele próprio for também o narrador, devemos considerar que ele seja confiável, pois ele nos mostra o que aconteceu realmente e ainda revela o verdadeiro caráter da personagem. Essa é a complexidade de *Inimigos Superiores do Homem-Aranha*. O narrador passa a ser confiável quando junta o texto (potencialmente não-confiável) com imagens que o contradizem.

Uma outra possibilidade é pensar que o texto do recitador não é direcionado para nós leitores, mas sim para a personagem que nos é apresentada na última página da última edição. Desse modo, pensamos que, diegeticamente, Bumerangue é um narrador não-confiável para aquela pessoa. Mas é um narrador confiável para os leitores pois tudo isso nos fica claro.

As ponderações que Groensteen (2013) nos traz sobre a questão do narrador mostra toda a complexidade que existe na narratologia dos quadrinhos. Observando o narrador na história dos quadrinhos, podemos pensar nas relações que existem entre o texto verbal e texto imagético. Ao curso dos anos, existe uma noção de que sempre um completa o outro.

Devemos pensar também em como fazemos essa associação. Nós lemos o texto do recitador na imagem e associamos que ele pertença a ela por uma convenção de leitura ou existe algum fator para isso? Esse aspecto precisa ser mais aprofundado em estudos futuros.

O narrador é uma instância que tem a capacidade de potencializar a complexidade nessa linguagem. A importância de perceber o narrador como uma instância além do verbal, também ajuda a pensar nos quadrinhos que só fazem uso de imagens, os quadrinhos mudos, como *Shhhhh!*, do norueguês Jason ou *Có*, do brasileiro Gustavo Duarte, nos mostrando que eles também possuem narradores apesar da ausência do texto verbal.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Danielle. **A Linguagem dos Quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

CAMPOS, Rogério de. **Imageria**: o nascimento das histórias em quadrinhos. São Paulo: Veneta, 2015.

EISNER, Will. **Eisner/Miller**. São Paulo: Criativo, 2014.

GROENSTEEN, Thierry. **Comics and Narration**. Jackson: University of Mississippi Press, 2013

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena; CELESTINO, Juliana Braga. **Quadrinhos autobiográficos**: diferenças de gêneros e as apresentações de si. **Comunicologia**, Brasília, V.7 N.2, pp. 311-322, jul./dez. 2014.

NICOLAU, Marcos. **Falas e Balões**: a transformação dos textos nas histórias em quadrinhos. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2008.

REUTER, Yves. **A Análise da Narrativa**: o texto, a ficção e a narração. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.